

A hand in a blue sweater is shown holding a white envelope, positioned as if about to drop it into a wooden podium. The background is a dark, textured wall.

DÍZIMO

**A grande farsa
do Cristianismo**

CRISTIANO FRANÇA

CRISTIANO FRANÇA

**DÍZIMO:
A GRANDE FARSA DO
CRISTIANISMO**

2ª Edição
Rio de Janeiro, Brasil.
Agosto de 2019

Copyright © Ministério Internacional Graça sobre Graça, 2019. Publicado através da GSG Editorial, Rio de Janeiro.

TÍTULO:

Dízimo: a grande farsa do Cristianismo

Todos os direitos desta edição estão reservados ao
MINISTÉRIO INTERNACIONAL GRAÇA SOBRE GRAÇA

CONCEPÇÃO DA CAPA:

Eternus Produções

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA E EDIÇÃO:

GSG Editorial

REVISÃO:

Juliana Dutra
Juliana Silveira

França, Cristiano

Dízimo: a grande farsa do Cristianismo (2ª edição) / Cristiano França — Rio de Janeiro, Brasil: GSG Editorial, 2019.

109 p.

1. Literatura Cristã. I. Título

Esta versão digital é para
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.

São terminantemente PROIBIDAS A VENDA
e a ALTERAÇÃO DOS TEXTOS deste livro
por terceiros.

***“Todos aqueles, pois, que são das obras da Lei
estão debaixo de maldição...” (Gálatas 3:10)***

(Paulo, apóstolo dos gentios)

SUMÁRIO

PREFÁCIO	06
POR QUE O DÍZIMO É UMA FARSA?	10
O DÍZIMO ANTES DA LEI	14
O DÍZIMO COMO MANDAMENTO DA LEI	27
VERSÍCULOS E ARGUMENTOS	41
O CAPÍTULO 7 DA CARTA AOS HEBREUS ..	60
O SUSTENTO MINISTERIAL À LUZ DO EVANGELHO	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
BÔNUS (Poesias em Graça)	89
CRISTO É A NOSSA ETERNIDADE	90
CONSELHOS EM GRAÇA	92
CORAÇÕES AGRADECIDOS	93
UMA PODEROSA FERRAMENTA	95
MUDANÇAS SÃO NECESSÁRIAS	97
CONTATOS E REDES SOCIAIS	99
CRISTIANO FRANÇA	100

PREFÁCIO

Apesar de a Palavra de Cristo deixar muito claro que os cristãos não devem se envolver com as obras da Lei de Moisés, o que mais se vê no *cristianismo* são práticas relacionadas aos mandamentos do Antigo Pacto. E, sem dúvidas, o chamado *Dízimo* é um dos exercícios mais perpetrados pelos membros das congregações pretensamente cristãs mundo afora e, claro, fortemente **incentivado** pelos líderes religiosos de maneira geral.

Pensando bem, o verbo *incentivar* não é apropriado ao caso. O correto mesmo é dizer que as pessoas são OBRIGADAS pelos líderes a “dizimar”. Porém, esta obrigação imposta aos membros das igrejas coletoras de dízimos não é algo categórico, mas velado, impingido em suas mentes através de ameaças de cunho espiritual, tais como: ataque do suposto “gafanhoto” às finanças de quem não “dizima”; certeza da “perda da Salvação eterna” por estar “roubando a Deus” em caso de inadimplência com a denominação; ficar impedido de cumprir sua função na congregação e muitas outras sanções.

O que mais perturba o meu coração, no entanto, não é a existência do dízimo nas denominações convencionais protestantes (evangélicas tradicionais, pentecostais, neopentecostais e afins) e na instituição Católica Romana. Afinal, já é esperado que ocorra este tipo de imposição no meio religioso. O pior é observar algumas denominações que dizem pregar o **Evangelho da Graça** defenderem este modelo de contribuição totalmente anti-bíblico neste Novo Pacto. E como os líderes “em graça” não podem ameaçar os membros de suas igrejas com a perda da Salvação eterna (já que defendem — corretamente — que esta não pode sofrer qualquer prejuízo), eles disfarçam suas ameaças pondo má consciência nos eleitos de Deus. Alguns dizem: “Não é porque você é salvo sempre salvo que vai roubar a Deus. Tudo nos é lícito, mas nem tudo nos convém”; além disso, usam também a história do “gafanhoto”, dizem que as bênçãos só se manifestam em nossas vidas através do Dízimo, entre outros sofismas.

Como se não bastasse o absurdo da existência da prática do Dízimo na Nova Aliança (que por si só já é uma aberração), o sistema religioso — especialmente o segmento da famigerada “teologia da prosperidade” — ainda cria diversos subterfúgios relacionados ao Dízimo para extrair mais e mais dinheiro

das pessoas que compõem o rol de membros de suas congregações. Dois exemplos da exploração que as pessoas sofrem são o “trízimo” (sim, é isso mesmo que você leu) e o “dízimo profético”. O primeiro consiste em uma chamada para as pessoas pagarem não dez por cento, mas TRINTA POR CENTO de seus ganhos mensais! A explicação — sem qualquer base bíblica, obviamente — é que este modelo de contribuição visa a entrega de dez por cento para cada uma das “pessoas” da “trindade”. O segundo exemplo ensina as pessoas a darem dez por cento de algo que elas ainda querem alcançar. Por exemplo: se uma pessoa quer comprar um automóvel de cinquenta mil reais, esta deve dar um “dízimo” de cinco mil reais para “profetizar” o carro. Ou se a pessoa deseja ganhar um grande valor em dinheiro, ela deve dar um “dízimo antecipado” da importância almejada. Assim, quem quiser ganhar cem mil reais deve dar um “dízimo profético” de dez mil reais para “chamar à existência” o dinheiro. Enfim: puro estelionato espiritual.

Derrubar uma estrutura mental é uma das tarefas mais difíceis de se alcançar êxito. Não é por acaso que Paulo chama de “fortalezas” (2ª Coríntios 10:4-5) as doutrinas alheias à verdade do Evangelho que são implantadas no entendimento das pessoas. Meu obje-

tivo com o estudo bíblico apresentado neste livro é justamente derrubar a *fortaleza* do Dízimo na mente dos eleitos de Deus que lerem esta obra, trazendo luz a respeito deste assunto e comprovando bíblicamente — sem qualquer margem para dúvidas — a **inexistência do Dízimo nesta Nova Aliança**. Vamos entender corretamente (à luz da História e do contexto dos textos bíblicos) as passagens da Bíblia usadas pelos líderes religiosos para tentarem validar a cobrança e o recebimento de dízimos na Igreja. Por fim, vou responder a grande questão que muitos nos enviam constantemente pela Internet: “Se não existe Dízimo, como deve ser o sustento ministerial nesta Nova Aliança? Como um ministério cristão pode crescer e prosperar sem este mandamento?”.

Peço ao Eterno Pai que proporcione ao entendimento de todos os leitores deste livro “...o espírito de sabedoria e de revelação”. (*Eféssios 1:17*)

No amor de Jesus Cristo Ressuscitado,
Cristiano França

— Capítulo 1 —

POR QUE O DÍZIMO É UMA FARSA?

Todo cristão deve ter a Palavra de Deus como base insubstituível de sua fé. E não há outra maneira de termos acesso à Palavra do Senhor, senão pela Bíblia. É importante frisar que NENHUMA TRADIÇÃO, de qualquer que seja a instituição, pode substituir ou acrescentar algo ao Livro dos livros (Marcos 7:13). Assim, para nós, a Bíblia (e somente ela) é o fundamento textual suficiente para o corpo de Cristo.

Os textos bíblicos, interpretados corretamente à luz da separação das Alianças (Antiga e Nova) e da História da humanidade — além de se levar em conta quando os textos foram escritos, os motivos de terem sido produzidos, quem os escreveu e os respectivos destinatários —, trazem ao nosso conhecimento tudo que Deus quer que entendamos a respeito de nossa confissão de fé. Sendo assim, o Dízimo, não tendo qualquer fundamento bíblico para ser praticado pela Igreja (e veremos isto ao longo deste livro), torna-se

uma FARSA por não haver qualquer indicação de sua prática para o povo de Cristo nesta Nova Aliança. Deste modo, não sendo a Bíblia a referência para a existência do Dízimo monetário na Igreja, a única origem para esta maldição são as mentes deturpadas de homens “...*que são privados da verdade, os quais pensam que a piedade é fonte de lucro.*” (1^a Timóteo 6:5, Nova Versão Internacional)

FILIGRANA HISTÓRICA

Não encontramos nos textos bíblicos qualquer diretriz apostólica para a Igreja a respeito da prática do Dízimo. Não por acaso que até o Século V não se tem notícias desta prática no meio dos eleitos de Deus. Nos cristãos dos primeiros séculos prevalecia a consciência de que o Evangelho havia finalizado as obrigações ritualísticas e disciplinares da Lei de Moisés.

Em antigos documentos católicos são encontrados registros de apelos à generosidade dos fiéis para o provimento de seus párocos, bispos e a manutenção de toda estrutura eclesíastica Católica. Porém, apesar de haver uma ou outra menção ao pagamento de dízimos, não havia qualquer indicação de sanções para quem não o praticasse. Em função disso, os Concílios começaram a ficar mais enfáticos

em relação ao tema. Por exemplo: no Sínodo de Tours (Gália), em 567, promulgou-se a seguinte determinação: “Instantemente exortamos os fiéis a que, seguindo o exemplo de Abraão, não hesitem em dar a Deus a décima parte de tudo aquilo que possuam, a fim de que não venha a cair na miséria aquele que, por ganância, se recuse a dar pequenas oferendas... Por conseguinte, se alguém quer chegar ao seio de Abraão, não contradiga o exemplo do Patriarca, e ofereça a sua esmola, preparando-se para reinar com Cristo”. Aqui começaram as ameaças e a grande falácia — usada por muitos até hoje, inclusive por alguns que dizem pregar a Palavra da Graça — de usar o dízimo dado por Abraão como base para o “dízimo cristão”.

Um passo mais enfático em relação à prática do Dízimo foi dado no Concílio de Macon (Gália), no ano de 585, tornando o exercício obrigatório e estipulando a sanção da excomunhão (o mais grave castigo que pode ser imposto a um católico) aos que não pagavam o tributo. Assim, o dever moral tornou-se também uma obrigação jurídica. Esta atitude foi tomada devido aos problemas financeiros da instituição Católica na Europa à época por causa do caos imposto pelas invasões bárbaras e a consequente queda do Império Romano.

Em 779 o Dízimo se tornou uma lei civil através de Carlos Magno que determinou aos cidadãos submetidos ao seu reinado o pagamento à instituição Católica. Alguns anos depois esta ordem foi retirada.

Enfim, através da História observamos que o Dízimo cobrado dos cristãos NÃO É UMA DETERMINAÇÃO BÍBLICA, mas uma ordenança criada pela instituição Católica Apostólica Romana e, claro, copiada por suas “filhas”, a saber, as denominações protestantes e suas descendentes.

— Capítulo 2 —

O DÍZIMO ANTES DA LEI

Um dos principais argumentos usados para dizer que o Dízimo deve ser praticado nesta Nova Aliança é o fato de que o exercício de “dizimar” fora praticado **antes da Lei**. Neste caso, segundo os defensores desta visão, como a prática de dar dízimos não é uma exclusividade dos mandamentos do Antigo Pacto entregue aos israelitas, não haveria motivos para não ser “dizimista” na Graça. Existem pelo menos **dois raciocínios** que têm esta premissa como base:

1) A IDEIA DO PRINCÍPIO ETERNO E UNIVERSAL

Os adeptos deste entendimento afirmam que o Dízimo é um princípio moral, eterno e universal, pois vem sendo praticado muito antes da Lei mosaica ser estabelecida, inclusive por povos alheios à Primeira Aliança (gentios). Este argumento tem como base relatos históricos da existência da prática do Dízimo por povos não hebreus, que davam, por

exemplo, a décima parte dos despojos de guerras e dos valores recebidos pelo resgate de prisioneiros a deuses mitológicos, muito antes de Moisés receber do Eterno os Dez Mandamentos. Os que defendem esta tese argumentam que o ato de “dizimar”, sendo uma prática natural entre muitos povos antigos, seria algo inerente à existência humana, sendo, portanto, uma direção moral e eterna vinda de Deus para todos os povos.

A ideia do *princípio eterno e universal* é um argumento que tem bases extremamente frágeis (inexistentes, do ponto de vista da Bíblia), pois não há qualquer fundamento nos textos bíblicos que diga que o Senhor estabeleceu a prática do dízimo como um código moral de conduta perpétuo para o homem. Sendo assim, a Palavra nos dá fundamentos para rejeitarmos tal sofisma:

*“E eu, irmãos, apliquei estas coisas, por semelhança, a mim e a Apolo, por amor de vós; para que em nós aprendais a **não ir além do que está escrito...**” (1ª Coríntios 4:6)*

É uma falácia afirmar que o Dízimo deve ser praticado pela Igreja, ou seja, na Nova Aliança, pelo simples fato de que era praticado por outros povos antes da Lei, pois não há qual-

quer ligação necessária que obrigue a prática atual em função das antigas práticas. Além disso, havia muitos outros costumes anteriores à Lei entre os povos antigos. Por exemplo: adoração aos corpos celestes, prostituição de cunho religioso, sacrifícios de crianças, a necromancia, feitiçarias, entre outros. Ora, se o Dízimo é um princípio eterno que deve ser praticado pelos cristãos porque era naturalmente exercido pelos povos antes da Lei, não teríamos que praticar também tais atrocidades? Por meio desta lógica, ao ser “dizimista” o cristão também se compromete a matar crianças e oferecê-las a um deus pagão, por exemplo. Enfim, este entendimento do *princípio eterno* é um absurdo completo.

Em suma: as tradições humanas não são automaticamente princípios morais e eternos simplesmente porque são muito remotas. Além do mais, nosso guia é o Evangelho, não as práticas de povos antigos.

2) ABRAÃO DEU O DÍZIMO ANTES DA LEI

Alguns dizem que Abraão, ao dar o Dízimo de uns despojos, estaria seguindo o tal *princípio eterno*. O fato é que isto é apenas uma inferência sem qualquer fundamento; primeiro porque, como vimos, a ideia do *princípio eterno e universal* não faz sentido algum. Segun-

do, porque a Bíblia não informa o motivo de Abraão ter dizimado. Não é correto, portanto, fazer uso de uma explicação sem base bíblica para se impor uma doutrina fantasiosa.

Não existe qualquer direção nos textos bíblicos que afirma que os cristãos devam ser “dizimistas” apenas porque o pai de Isaque deu **um dízimo** a Melquisedeque. Ou seja, não pode ser criada qualquer ligação do “dízimo cristão” com aquele dado por Abraão, uma vez que o esposo de Sara **não deu** dízimos recorrentes de seus pertences e ganhos periódicos, mas UMA ÚNICA VEZ e dos espólios de uma guerra.

É mais uma grande mentira a afirmação de que o Dízimo pertence à Nova Aliança apenas por que fora praticado antes da Lei. Basta uma breve conferida na história bíblica anterior ao estabelecimento da Lei de Moisés para vermos que não há lógica em se fazer algo no tempo da Graça apenas porque foi feito de alguma forma antes da instauração do Novo Pacto. Noé, por exemplo, muito antes de Moisés ofereceu sacrifícios de sangue a Deus:

“Edificou Noé um altar ao Senhor; e tomou de todo animal limpo e de toda ave limpa, e ofereceu holocaustos sobre o altar.” (Gênesis 8:20)

O próprio Abraão, obviamente muito antes da Lei, também ofereceu um animal em sacrifício ao Altíssimo:

“Tomou, pois, Abraão a lenha do holocausto e a pôs sobre Isaque, seu filho; tomou também na mão o fogo e o cutelo, e foram caminhando juntos. Então disse Isaque a Abraão, seu pai: Meu pai! Respondeu Abraão: Eis-me aqui, meu filho! Perguntou-lhe Isaque: Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto? Respondeu Abraão: Deus proverá para si o cordeiro para o holocausto, meu filho. E os dois iam caminhando juntos. Havendo eles chegado ao lugar que Deus lhe dissera, edificou Abraão ali o altar e pôs a lenha em ordem; o amarrou, a Isaque, seu filho, e o deitou sobre o altar em cima da lenha. E, estendendo a mão, pegou no cutelo para imolar a seu filho. Mas o anjo do Senhor lhe bradou desde o céu, e disse: Abraão, Abraão! Ele respondeu: Eis-me aqui. Então disse o anjo: Não estendas a mão sobre o mancebo, e não lhe faças nada; porquanto agora sei que temes a Deus, visto que não me negaste teu filho, o teu único filho. Nisso

levantou Abraão os olhos e olhou, e eis atrás de si um carneiro embaraçado pelos chifres no mato; e foi Abraão, tomou o carneiro e o ofereceu em holocausto em lugar de seu filho.” (Gênesis 22:6-13)

Além dos sacrifícios de sangue, Abraão praticou a circuncisão do prepúcio antes da Lei:

*“Logo tomou Abraão a seu filho Ismael, e a todos os nascidos na sua casa e a todos os comprados por seu dinheiro, todo varão entre os da casa de Abraão, e lhes circuncidou a carne do prepúcio, naquele mesmo dia, como Deus lhe ordenara. **Abraão tinha noventa e nove anos, quando lhe foi circuncidada a carne do prepúcio;** e Ismael, seu filho, tinha treze anos, quando lhe foi circuncidada a carne do prepúcio. No mesmo dia foram circuncidados Abraão e seu filho Ismael. E todos os homens da sua casa, assim os nascidos em casa, como os comprados por dinheiro ao estrangeiro, foram circuncidados com ele.” (Gênesis 17:23-27)*

Agora vejamos o que o apóstolo Paulo disse a respeito da prática da circuncisão — que, co-

mo acabamos de constatar, fora realizada antes da Lei de Moisés:

“Para a liberdade Cristo nos libertou; permaneçei, pois, firmes e não vos dobreis novamente a um jogo de escravidão. Eis que eu, Paulo, vos digo que, SE VOS DEIXARDES CIRCUNCIDAR, CRISTO DE NADA VOS APROVEITARÁ. E de novo testifico a todo homem que se deixa circuncidar, que está obrigado a guardar toda a lei. Separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela lei; da graça decaístes.”
(Gálatas 5:1-4)

Está muito claro que o cristão **não deve praticar a circuncisão** mesmo ela tendo sido realizada **antes da Lei**. E por que seria diferente com o Dízimo?

Como já disse diversas vezes em nossas pregações, podemos substituir o “circuncidar” desta passagem bíblica por quaisquer outras obras da Lei que dará o mesmo efeito. Por exemplo: “Se vocês praticarem o dízimo, Cristo de nada vos aproveitará”.

Há ainda um detalhe muito importante que temos que salientar: tanto o holocausto de animais quanto a circuncisão que Abraão realizou foram MANDAMENTOS DE DEUS — que posteriormente foram inseridos aos ritos

da Lei. Mesmo sendo Mandamentos do Altíssimo antes de Moisés, o fato de estas práticas terem se tornado requisitos das ordenanças do Antigo Pacto já **as desqualificam como práticas cristãs**. O Dízimo, por sua vez, nunca foi um mandamento de Deus antes da Lei. Sendo assim, Abraão o deu **voluntariamente**.

Agora pensemos: se os holocaustos e circuncisões praticados antes da Lei (mesmo sendo diretrizes diretas de Deus naquela época) deixaram de ser práticas legítimas a partir da Nova Aliança, por que o Dízimo, que sequer fora um Mandamento do Senhor antes de Moisés, deve valer até hoje?

O DÍZIMO DE JACÓ

*“E Jacó fez um voto, dizendo: ‘**Se Deus for comigo, e me guardar nesta viagem que faço, e me der pão para comer, e vestes para vestir; e eu em paz tornar à casa de meu pai, o Senhor me será por Deus; e esta pedra que tenho posto por coluna será casa de Deus; e de tudo quanto me deres, certamente te darei o Dízimo**’.” (Gênesis 28:20-22)*

A segunda e última vez que o dízimo é referido antes da promulgação da Lei de Moisés foi no caso de Jacó, neto de Abraão.

É óbvio que os defensores do dízimo na Nova Aliança vão enxergar a prática de Jacó como algo absolutamente positivo e digno de ser imitado. Tais pessoas dizem que o Dízimo do filho de Isaque teria sido fruto de um coração adorador, que ao oferecer aquele tributo a Deus ele teria demonstrado a sua confiança no Altíssimo; dizem que, ao dizimar, Jacó estaria reconhecendo que Deus é dono de tudo, inclusive do dízimo etc.

Depois que a Mensagem da Graça impactou a minha vida e, conseqüentemente, a verdade sobre o Dízimo me foi desvendada, passei a ter uma visão completamente diferente do que Jacó praticou no local que ele mesmo batizou de Betel.

Não há dúvidas de que Jacó teve uma experiência impactante com Deus, que ele temeu e, sim, adorou o Senhor. Porém, penso que tudo isto foi até o momento em que ele resolveu oferecer uma espécie de barganha Àquele que lhe havia prometido tudo, sem nada querer em troca.

A meu ver, a passagem do dízimo de Jacó demonstra uma situação que é totalmente **contrária** à direção que o Evangelho nos aponta a seguir no que se refere ao nosso

relacionamento com Deus neste Novo Pacto. Afinal, Jacó condicionou em seu voto que daria o dízimo ao Eterno (algo que Ele não pediu, é bom frisar) **se** o Senhor fizesse algo por ele antes — sendo que Deus já o havia prometido tudo!

Se observarmos bem, na Aliança do Eterno com Abraão, Isaque e Jacó não há qualquer menção de que o Senhor tenha exigido algum pagamento de dízimo pelas bênçãos que Ele prometeu ao esposo de Sara e seus descendentes. A verdade é que o Pai de nossos espíritos fez as promessas e não requereu nada além da fé. Assim, é possível concluir que a atitude de Jacó ao condicionar dar algo a Deus em consequência de bênçãos e provisões futuras foi uma atitude, no mínimo, de extrema insegurança. E isto fica ainda mais nítido quando lemos o contexto do capítulo 28 de Gênesis e vemos que Jacó fora abençoado por Isaque com as bênçãos de Abraão e depois Deus ainda lhe apareceu em sonho para entregar diversas promessas a ele, sem fazer qualquer exigência em troca. Sendo assim, pergunto: qual o sentido de Jacó oferecer aquele voto condicionado a Deus depois da bênção dada por seu pai e das promessas feitas a ele pelo próprio Eterno? E pior: o neto de Abraão ainda condicionou receber o Altís-

simo como SEU DEUS, se Ele o abençoasse antes.

Faça agora, amado(a) leitor(a), um exercício de raciocínio. Imagine-se orando a Deus e dizendo: “Senhor, se Tu me abençoares, se me deres o que eu quero, se me guardares em minha viagem e eu retornar em segurança, o Senhor será o meu Deus e eu vou Te dar 10% de tudo que eu ganhar”. Pois é, soa bastante estranha esta oração, não acha?

Está muito claro que este modelo de relação com Deus não é respaldado pelo Evangelho. Pergunto: em que lugar das cartas de Paulo o vemos incentivar qualquer tipo de barganha com o Pai de nossos espíritos? Quem crê de fato no Senhor, apenas descansa Nele; não precisa ficar oferecendo-Lhe algo para tentar dissuadi-lo aabençoar — mesmo porque, Ele já nos abençoou (Efésios 1:3).

Algo muito importante que devemos ainda levar em conta é o fato de que a Bíblia sequer relata se Jacó deu ou não o dízimo prometido. E se deu, como foi feito? Para quem foi entregue? Jamais saberemos, ao menos não nesta vida.

Independente de como se enxerga o Dízimo que Jacó ofereceu a Deus (se foi uma atitude positiva ou negativa), o fato é que este episódio não é uma prova (como muitos dizem) de que o dízimo monetário precisa ser

cumprido pela Igreja, uma vez que não há qualquer ligação na Bíblia que aponte que o Dízimo do neto de Abraão seja um modelo para os membros do corpo de Cristo. Se assim fosse, teríamos uma clara direção apóstólica nos textos bíblicos nos ensinando a ser “dízimistas” porque Jacó teria sido. Mas, como sabemos, isto não ocorre.

O CARÁTER VOLUNTÁRIO DOS DÍZIMOS ANTES DA LEI

Os dois dízimos que aparecem na Bíblia antes da Lei têm características diferentes, mas algo em comum: ambos foram frutos de corações voluntários. Muitos advogam que o Dízimo é obrigatório por ser um mandamento de Deus para a Igreja. Esta afirmação é terminantemente mentirosa, primeiro porque, como já disse anteriormente, não vemos qualquer menção ao dízimo na Bíblia como um mandamento para a igreja primitiva — nem voluntário, nem por obrigação. Em segundo lugar, porque o Dízimo dado por Abraão e o prometido por Jacó foram atitudes espontâneas. Se estes exemplos são o modelo de contribuição para a Igreja, por que as pessoas nas congregações são impelidas a dar e ameaçadas com consequências terríveis se não pa-

garem o Dízimo? Realmente não faz sentido algum.

E mesmo as igrejas que dizem “não obrigar” as pessoas a “dizimar” não podem se apoiar nos modelos de Abraão e Jacó, pois, mesmo tendo sido voluntários, Abraão não deu dízimos monetários recorrentes de seus ganhos a Melquisedeque e não temos nenhuma informação sobre a concretização do voto de Jacó, que, como já vimos, fez uma promessa que Deus não pediu e acabou propondo, em minha opinião, um desnecessário to-ma-lá-dá-cá ao Eterno.

AFINAL, QUAL A ORIGEM DO DÍZIMO ANTES DA LEI?

Não há nos textos bíblicos qualquer referência histórica aos dízimos praticados antes de Moisés por povos alheios à linhagem de Abraão. E mesmo a História contada fora dos textos bíblicos não traz muita luz sobre aquelas práticas.

O pouco que se sabe é que o ato de dar dízimos a deuses mitológicos era um costume de algumas culturas da época de Abraão, e até muito antes dele. É muito provável, portanto, que as motivações de Abraão para dar o Dízimo a Melquisedeque e a de Jacó em oferecê-lo a Deus tenham vindo deste costume da

época, já que a Bíblia não relata que o Eterno tenha ordenado a prática do Dízimo a Abraão e seus descendentes.

Como já vimos, havia muitas outras tradições naquele período e Abraão as praticava também — algumas, inclusive, são abomináveis para nossa cultura atual — e o fato de elas terem existido entre os povos e de Abraão as ter praticado não é indicativo de que também devemos praticá-las hoje em dia; e isto, claro, inclui a prática do Dízimo.

— Capítulo 3 —

O DÍZIMO COMO MANDAMENTO DA LEI

Como vimos no capítulo anterior, querer validar o “dízimo cristão” usando os dízimos mencionados antes da Lei de Moisés não passa de uma artimanha do sistema religioso (e mais à frente neste livro falaremos um pouco mais do Dízimo de Abraão para não deixarmos dúvidas de que o tributo entregue a Melquisedeque não tem qualquer ligação com o Dízimo cobrado dos que creem em Jesus Cristo). Neste caso, resta aos defensores da prática do dízimo neste Novo Pacto usar a Lei como motivo para cobrar esta maldita taxa dos cristãos.

O grande problema do uso das obras da Lei como práticas cristãs são as consequências do envolvimento com as ordenanças do Antigo Pacto. E o Dízimo, obviamente, faz parte deste “pacote”. O apóstolo Paulo sempre foi muito enfático ao falar dos males da inserção da Lei na vida do povo de Deus a partir da ressurreição de Cristo:

“Separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela lei; da graça decaístes.”
(Gálatas 5:4)

Alguns podem querer argumentar dizendo que não praticam o Dízimo com o objetivo de alcançar justificação. Mas, ainda que a pessoa não queira “se justificar”, ao dar o tributo ela está fazendo uso de um Mandamento que não cabe mais aos escolhidos de Deus, ressuscitando, por assim dizer, o Antigo Testamento em sua vida.

Se “justificar”, neste versículo, significa **fazer uso da Lei** como meio de servir e agradar a Deus. O apóstolo dos gentios não usa de meias palavras ao alertar os gálatas sobre os males do envolvimento com as obras da Lei:

“Pois todos quantos são das obras da lei estão debaixo da maldição; porque escrito está: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las.”
(Gálatas 3:10)

Vou transcrever a seguir um trecho de um texto meu publicado em nosso *site* que explica o que é estar **debaixo de maldição**:

“Existem muitas práticas realizadas nas congregações chamadas cristãs atualmente que são obras da Lei disfarçadas de “obras da Graça”. Exemplos: comemorações de festas judaicas (Festa dos Tabernáculos, Dia de Pentecostes, entre outras); jejum de alimentos; abluições (lavagens e batismos por meio das águas); dízimos etc. Tais práticas nas igrejas, por mais que tenham recebido uma nova roupagem, nada mais são do que obras da Lei no meio da Amada do Senhor em pleno Novo Pacto.

Paulo não mede palavras quando se refere aos que vivem nestas obras: todos estão debaixo de maldição! Portanto, não há dúvidas sobre o que submete as pessoas a esta situação. Porém, o que isto significa? E mais importante: quais as consequências de se viver debaixo de maldição? A Bíblia não é clara quanto a estas respostas, mas nada nos impede de unirmos todas as “peças” deste “quebra-cabeças” e entendermos a questão.

No contexto anterior de *Gálatas 3:10* Paulo diz que os da Fé (ou seja, os que não estão em obras da Lei) são abençoados. Assim, os que estão debaixo de maldição (que estão em obras da Lei), apesar de serem filhos de Deus no espírito (não conhecemos a ninguém segundo a carne — 2ª Coríntios 5:16), não são abençoados. Em outras palavras, são

eleitos de Deus (salvos sempre salvos no espírito), mas estão amaldiçoados pelas práticas oriundas do Antigo Pacto. Isto é, a sua condição espiritual (de filhos, eleitos e co-herdeiros) e o conhecimento de tudo que Jesus já nos deu pela Graça não se manifestam em seus entendimentos e, assim, os amaldiçoados não usufruem de sua posição de filhos. Por causa disso, tais pessoas não servem a Deus em espírito e em verdade (Deus “procura” os que O adoram desta forma — João 4:23) e isto os afeta de maneira terrível! Não, não estou dizendo que os amaldiçoados pelas obras da Lei vão “perder a Salvação”, pois tal possibilidade não existe. Neste caso, se a Salvação eterna não pode ser comprometida, como os eleitos que estão em maldição podem ser afetadas? No GALARDÃO, obviamente.

Quem edifica a sua vida espiritual baseando-se em obras da Lei está edificando com madeira, feno e palha (materiais sem valor) e, por isso, serão “salvos como pelo fogo” (sem galardão). Isto, para mim, será a pior consequência para quem vive debaixo das obras da Lei (confira 1ª Coríntios 3:10-15 para entender as referências que acabei de citar).

Certa vez disse para um irmão que ele estava debaixo de maldição por causa das obras da Lei. Ele me disse que não estava, pois tinha uma família boa, tinha seu carro novo,

bom emprego etc. e que a realidade dele “provava” que ele não estava amaldiçoado. Eu respondi o seguinte: estar debaixo de maldição por causa da Lei não impede que alguém tenha bens materiais e uma vida considerada “boa”. Afinal, até os filhos da perdição têm essas coisas. Mas, quem está em obras da Lei fica impedido de enxergar o Evangelho como ele realmente é (tem coisa pior do que isto para um eleito de Deus?), não serve ao Pai em espírito (na mente) e em verdade (em Graça) e, por isso, anula a Graça de Deus em sua vida (Gálatas 2:21). Por causa de tudo isso, tais pessoas não agradam a Deus e não serão recompensadas na Eternidade. Para mim, este fato já é maldição suficiente.”

A maior prova de que a Lei de Moisés é a base do “dízimo cristão” na ampla maioria das congregações mundo afora é o uso que os líderes fazem dos textos de **Malaquias** para justificarem a cobrança. E o versículo mais utilizado é este:

“Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós tal bênção,

*que dela vos advenha a maior abastança.”
(Malaquias 3:10)*

O que todos os atuais “dizimistas” não sabem (e seus líderes fazem questão de esconder) é que os textos de Malaquias não são direcionados ao povo da Nova Aliança, isto é, à Igreja; mas, aos judeus no Antigo Pacto. Apesar disso, os líderes religiosos os tiram totalmente do contexto para justificarem suas mentiras.

FUNÇÕES E CARACTERÍSTICAS DO DÍZIMO

Como os defensores do “dízimo cristão” usam os textos do profeta Malaquias como fundamento de suas cobranças, então podemos afirmar que a Lei de Moisés está sendo usada por eles como referência do imposto que arrancam de suas ovelhas. Sendo assim, eles deveriam usar de honestidade intelectual e cobrar o Dízimo dentro das características que a Lei impunha ao tributo.

Veremos a seguir algumas particularidades do Dízimo.

1) O DÍZIMO NUNCA FOI PAGO EM DINHEIRO.

Não existe na Bíblia qualquer citação do tributo sendo pago em dinheiro. Segundo a direção que o Mandamento especifica, todos os itens ligados ao Dízimo estavam relacionados à produção agropecuária dos israelitas. Vejamos:

*“Todos os **dízimos da terra**, seja dos cereais, seja das frutas das árvores, pertencem ao Senhor; são consagrados ao Senhor. Se um homem desejar resgatar parte do seu dízimo, terá que acrescentar um quinto ao seu valor. O **dízimo dos seus rebanhos**, um de cada dez animais que passem debaixo da vara do pastor, será consagrado ao Senhor. O dono não poderá retirar os bons dentre os ruins, nem fazer qualquer troca. Se fizer alguma troca, tanto o animal quanto o substituto se tornarão consagrados e não poderão ser resgatados. São esses os mandamentos que o Senhor ordenou a Moisés no monte Sinai **PARA OS ISRAELITAS**.” (Levítico 27:30-34)*

Alguns argumentam que o Dízimo era dado do fruto da terra, pois não havia dinheiro como o conhecemos hoje. Concordo que o dinheiro não era EXATAMENTE como é nos tempos atuais. Mas, já existia, sim, o conceito

de dinheiro, como podemos ver no texto a seguir:

“Certamente darás os dízimos de todo o fruto da tua semente (...) E quando o caminho te for tão comprido que os não possas levar (...) então vende-os, e ata o dinheiro na tua mão, e vai ao lugar que escolher o Senhor teu Deus; e aquele dinheiro darás por tudo o que deseja a tua alma, por vacas, e por ovelhas, e por vinho, e por bebida forte, e por tudo o que te pedir a tua alma; come-o ali perante o Senhor teu Deus, e alegra-te, tu e a tua casa.” (Deuteronômio 14:22-26)

Esta é a única exceção que aparece nos ritos da Lei em relação ao dízimo ser [momentaneamente] dinheiro. Caso o local de consumo determinado por Deus fosse muito distante da moradia dos que iriam comê-lo, o portador do Dízimo deveria vender a carga para convertê-la em prata, a fim de facilitar o seu transporte até onde o tributo deveria ser consumido. Porém, ao chegar no destino definido pelo Eterno, o dinheiro deveria ser novamente convertido em MANTIMENTOS.

2) OS DÍZIMOS ERAM ANUAIS.

*“Certamente darás os dízimos de todo o fruto da tua semente, que **CADA ANO** se recolher do campo.” (Deuteronômio 14:22)*

3) HAVIA QUATRO TIPOS DE DÍZIMOS.

Todos os modelos de dízimos determinados pela Lei tinham como objetivo, acima de tudo, a adoração a Deus. Pagar o tributo era devolver ao Eterno algo que já O pertencia por Seu próprio decreto (Levítico 27:30). Porém, o Dízimo tinha também um objetivo governamental, já que o imposto mantinha em funcionamento as engrenagens econômicas, sociais e religiosas da nação de Israel.

Vamos esmiuçar a seguir as funções específicas de cada tipo de dízimo.

a) O **PRIMEIRO DÍZIMO** visava sustentar os responsáveis pelos serviços da Tenda do Encontro.

Os levitas foram indicados por Deus como cuidadores e organizadores dos locais de adoração, onde eles faziam a intermediação entre o Eterno e os demais hebreus e ofereciam os sacrifícios e demais cerimônias. O Senhor determinou que eles não teriam herança na terra de Israel, mas, em contrapartida, deu a eles, como herança e pagamento

pelos serviços, os dízimos das demais tribos, a fim de oferecer a provisão dos alimentos necessários para a sobrevivência dos que pertenciam à tribo sacerdotal de Levi.

“E eis que aos filhos de Levi tenho dado todos os dízimos em Israel por herança, pelo ministério que executam, o ministério da tenda da congregação. E nunca mais os filhos de Israel se chegarão à tenda da congregação, para que não levem sobre si o pecado e morram. Mas os levitas executarão o ministério da tenda da congregação, e eles levarão sobre si a sua iniquidade; pelas vossas gerações estatuto perpétuo será; e no meio dos filhos de Israel nenhuma herança terão, porque os dízimos dos filhos de Israel, que oferecerem ao Senhor em oferta alçada, tenho dado por herança aos levitas; porquanto eu lhes disse: No meio dos filhos de Israel nenhuma herança terão.” (Números 18:21-24)

b) O **SEGUNDO DÍZIMO** devia ser retirado do que restava após a separação do primeiro. Este teve visava a realização de uma celebração em família perante Deus, no local de adoração especificado pelo Eterno, a fim de que houves-

se comunhão e os israelitas aprendessem a temer ao Senhor.

*“Certamente darás os dízimos de todo o fruto da tua semente, que cada ano se recolher do campo. E, perante o Senhor teu Deus, no lugar que escolher para ali fazer habitar o seu nome, **comerás os dízimos do teu grão**, do teu mosto e do teu azeite, e os primogênitos das tuas vacas e das tuas ovelhas; **para que aprendas a temer ao Senhor teu Deus todos os dias**. E quando o caminho te for tão comprido que os não possas levar, por estar longe de ti o lugar que escolher o Senhor teu Deus para ali pôr o seu nome, quando o Senhor teu Deus te tiver abençoado; então vende-os, e ata o dinheiro na tua mão, e vai ao lugar que escolher o Senhor teu Deus; e aquele dinheiro darás por tudo o que deseja a tua alma, por vacas, e por ovelhas, e por vinho, e por bebida forte, e por tudo o que te pedir a tua alma; **come-o ali perante o Senhor teu Deus, e alegra-te, tu e a tua casa.**”*
(Deuteronômio 14:22-26)

c) O **TERCEIRO DÍZIMO**, trienal, tinha um objetivo social, a saber: alimentar, além dos levitas, os estrangeiros, os órfãos e as viúvas.

“Ao final de cada três anos, tragam todos os dízimos da colheita do terceiro ano e armazene-os em sua própria cidade, para que os levitas, que não possuem propriedade nem herança, e os estrangeiros, os órfãos e as viúvas que vivem na sua cidade venham comer e saciar-se, e para que o Senhor, o seu Deus, o abençoe em todo o trabalho das suas mãos.” (Deuteronômio 14:28-29)

“Quando acabares de separar todos os dízimos da tua colheita no ano terceiro, que é o ano dos dízimos, então os darás ao levita, ao estrangeiro, ao órfão e à viúva, para que comam dentro das tuas portas, e se fartem; e dirás perante o Senhor teu Deus: Tirei da minha casa as coisas consagradas e as dei também ao levita, e ao estrangeiro, e ao órfão e à viúva, conforme a todos os teus mandamentos que me tens ordenado; não transgredi os teus mandamentos, nem deles me esqueci.” (Deuteronômio 26:12-13)

d) O **QUARTO TIPO DE DÍZIMO** era o chamado “dízimo dos dízimos”. Este consistia na décima parte que os levitas davam ao sa-

cerdote Arão (e posteriormente aos seus descendentes) dos dízimos que eles recebiam das demais tribos.

*“Diga o seguinte aos levitas: Quando receberem dos israelitas o dízimo que lhes dou como herança, **vocês deverão apresentar um décimo daquele dízimo como contribuição pertencente ao Senhor.** Essa contribuição será à do trigo tirado da eira e do vinho do tanque de prensar uvas. Assim, vocês apresentarão uma contribuição ao Senhor de todos os dízimos que receberam dos israelitas. Desses dízimos vocês darão a contribuição do Senhor ao sacerdote Arão. E deverão apresentar como contribuição ao Senhor **a melhor parte**, a parte sagrada de tudo o que for dado a vocês. Diga aos levitas: Quando vocês apresentarem a melhor parte, ela será considerada equivalente ao produto da eira e do tanque de prensar uvas. Vocês e suas famílias poderão comer dessa porção em qualquer lugar, pois é o salário pelo trabalho de vocês na Tenda do Encontro. Ao apresentarem a melhor parte, vocês não se tornarão culpados e não profanarão as ofertas sagradas dos israelitas, para que não morram.” (Números 18:26-32 NVI)*

Note que há um ponto interessante no texto bíblico que acabamos de ler: os levitas deviam dizimar **a melhor parte** do que recebiam. Com isso, entendemos que o ato de pagar os dízimos não era simplesmente “separar dez por cento”; era preciso um cuidado especial na escolha do que seria dado. Este detalhe é mais uma prova de que o dízimo verdadeiro jamais poderia ser em dinheiro (como se faz atualmente), já que este possui apenas o valor monetário e, sendo assim, não há meios de oferecer a Deus a “melhor parte” do dinheiro.



Os líderes religiosos usam textos da Lei como fundamento da imposição de dízimos nas igrejas, mas não seguem o modelo que essa mesma Lei atribui ao imposto. Atitudes assim são conhecidas como desonestidade intelectual. Não obstante, usar a Lei como fundamento da cobrança de dízimos na Igreja é mais do que ser desonesto; é submeter o povo do Senhor Jesus à maldição da qual fomos libertos pelo sacrifício do Senhor no Calvário (Gálatas 3:13). Todo “dizimista” nesta Nova Aliança, por mais bem-intencionado que seja,

está se pondo separado de Cristo (Gálatas 5:4), debaixo de maldição (Gálatas 3:10) e anulando a Graça de Deus em sua vida:

“Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça vem pela lei, Cristo morreu inutilmente!” (Gálatas 2:21 NVI)

– Capítulo 4 –

VERSÍCULOS E ARGUMENTOS

A inexistência de reais fundamentos bíblicos que apoiem a cobrança do “dízimo cristão” faz com que os defensores desta prática (especialmente os guias religiosos) realizem verdadeiros malabarismos teológicos e argumentativos a fim de tentarem validar o imposto eclesiástico retirado dos membros de suas denominações.

Neste capítulo vamos entender corretamente algumas passagens bíblicas muito usadas como base do falso dízimo cobrado na Nova Aliança e que são deliberadamente retiradas de seus contextos (bíblicos e históricos). Tais passagens são, assim, manipuladas para servirem aos interesses dos líderes religiosos.

Vamos nos debruçar sobre tais argumentos extrabíblicos favoráveis à prática do Dízimo na Igreja e respondê-los à luz do Evangelho.



1) ENTENDENDO A REFERÊNCIA AO DÍZIMO EM MALAQUIAS.

“Roubará o homem a Deus? Todavia vós me roubais, e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas. Com maldição sois amaldiçoados, porque a mim me roubais, sim, toda esta nação. Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal até que não haja lugar suficiente para a recolherdes. E por causa de vós repreenderei o devorador, e ele não destruirá os frutos da vossa terra; e a vossa vide no campo não será estéril, diz o Senhor dos Exércitos.” (Malaquias 3:8-11)

É fácil entender por que os líderes religiosos usam tanto esta passagem bíblica quando vão ensinar a respeito do Dízimo para as suas congregações. Afinal, neste trecho do livro de Malaquias tem tudo que eles precisam para arrecadar mais:

a) Fundamento para fazerem ameaças aos membros de suas igrejas.

Não poucas vezes presenciei nas congregações que passei a seguinte ameaça relacionada ao Dízimo: “Se vocês não pagarem o dízimo, estarão roubando o Senhor. E vocês sabem que os roubadores não herdarão o Reino de Deus. Portanto, se forem infiéis, vocês perderão a Salvação”. Deste modo fica fácil levar uma pessoa a contribuir, já que todos têm medo de passar a eternidade no “inferno”.

b) Promessa de liberdade para colocar Deus à prova.

Os líderes defensores do “dízimo cristão” dizem: “Irmãos, Deus permite que os fiéis dizimistas O coloquem à prova. Portanto, se vocês pagarem o dízimo em dia, poderão exigir de Deus as bênçãos e Ele será obrigado a abençoar vocês”.

c) Promessa de prosperidade e proteção das finanças.

Ouvi certa vez de um líder religioso o seguinte: “Deus prometeu derramar bênçãos sem medida para os dizimistas. E ainda disse que vai repreender o *diabo* para não atacar nosso dinheiro”.

É um verdadeiro absurdo o que os líderes religiosos fazem. Eles se aproveitam da ignorância do povo a respeito da Palavra e os leva ao erro de cumprirem um mandamento que definitivamente não existe.



Como já havia dito no capítulo anterior, os textos de **Malaquias** não têm absolutamente nada a ver com a Igreja. Eles foram um alerta para os sacerdotes da Lei e para o povo de Israel.

O fato é que os sacerdotes não estavam ensinando a Lei de maneira satisfatória para o povo. Por isso o profeta, usado por Deus, começa a repreendê-los no **capítulo 2** de Malaquias:

*“Agora, **Ó SACERDOTES**, este mandamento é para vós. Se não ouvirdes e se não propuserdes, no vosso coração, dar honra ao meu nome, diz o Senhor dos Exércitos, enviarei a maldição contra vós, e amaldiçoarei as vossas bênçãos; e também já as tenho amaldiçoado, porque não aplicais a isso o coração. Eis que reprovarei a vossa semente, e espalharei*

*esterco sobre os vossos rostos, o esterco das vossas festas solenes; e para junto deste sereis levados. Então sabereis que eu vos enviei este mandamento, para que a minha aliança fosse com Levi, diz o Senhor dos Exércitos. Minha aliança com ele foi de vida e de paz, e eu lhe as dei para que temesse; então temeu-me, e assombrou-se por causa do meu nome. A lei da verdade esteve na sua boca, e a iniquidade não se achou nos seus lábios; andou comigo em paz e em retidão, e da iniquidade converteu a muitos. Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens **BUSCAR A LEI** porque ele é o mensageiro do Senhor dos Exércitos. Mas vós vos desviastes do caminho; **a muitos fizestes TROPEÇAR NA LEI**; corrompestes a aliança de Levi, diz o Senhor dos Exércitos.” (Malaquias 2:1-8)*

Está muito claro que este texto (e todo o livro de Malaquias) se refere a pessoas que estavam debaixo da Lei. É uma passagem que trata da Antiga Aliança, não da Nova.

O povo de Israel havia deixado de honrar a Deus com os dízimos e, consequentemente, deixaram o cuidado com o sacerdócio levítico. Por isso o Eterno os repreende e

deixa claro que aquela atitude era o mesmo que roubá-LO, pois, já que não entregavam os dízimos, os israelitas estavam consumindo mantimentos que não os pertencia.

Nesta Nova Aliança **a casa de Deus são as pessoas**, não edifícios (chamados de “templos”) ou denominações religiosas (1^a Coríntios 3:16). Por conseguinte, quando o Eterno, por meio de Malaquias, se refere à “casa do tesouro” e “Minha casa” não está falando dos prédios atuais das igrejas, mas do Templo de Jerusalém. Os dízimos destinados aos levitas deviam ser depositados no Templo, onde o serviço levítico era exercido. E é importante ficarmos atentos à frase: “para que haja **MANTIMENTO** na Minha casa”. Mais uma vez fica demonstrado que os dízimos eram suprimentos (alimentos) e não dinheiro.

Muitos líderes religiosos usam a história do “devorador” para assustar o povo em suas igrejas. Eles dizem que se trata de um “demônio” que ataca as finanças de quem não é “dizimista”. Poucas afirmações são tão absurdas quanto esta. O “devorador” citado em Malaquias, na verdade, era uma espécie de gafanhoto que costumava devorar as lavou-ras. Tanto é verdade que o texto segue dizendo:

*“E por causa de vós repreenderei o devorador, e ele **não destruirá os frutos da vossa terra...**” (Malaquias 3:11)*

Alguns líderes [mais espertos] ainda argumentam que o texto de fato se refere àquele contexto, mas que devemos usá-lo como referência para a Igreja e “adaptá-lo” aos tempos atuais. Com este argumento eles tentam validar a ideia de que a *casa do tesouro* hoje seriam os “templos” de alvenaria das denominações, que o *devorador* seria uma suposta força espiritual maligna e que o *mantimento* hoje seria dinheiro. O problema é que eles querem adaptar do texto de Malaquias apenas o que diz respeito ao Dízimo. O trecho profético que fala das maldições que Deus proferiu contra os sacerdotes que **não ensinavam corretamente o povo**, convenientemente, não é citado em suas pregações.

2) JESUS FEZ REFERÊNCIA AO DÍZIMO E DISSE QUE DEVIA SER PRATICADO.

*“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque **dais O DÍZIMO da hortelã, do endro e do cominho**, e tendes omitido o que há de mais importante na lei, a saber, a justiça, a misericórdia e a fé; estas coisas, porém,*

devíeis fazer, SEM OMITIR AQUELAS.”
(Mateus 23:23)

Este versículo é classicamente usado para que o Dízimo monetário seja cobrado dos irmãos na Igreja. Afinal de contas, é O PRÓPRIO JESUS quem está ensinando!

De fato, quando Jesus de Nazaré proferiu tais palavras Ele estava, sim, dizendo que os escribas e fariseus deviam se manter fieis à prática do Dízimo. E isto é amplamente divulgado pelos defensores do “dízimo cristão”. O que estes não percebem (ou percebem, mas omitem do povo) é que Jesus também estava **DEBAIXO DA LEI**:

“Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo de Lei.” (Gálatas 4:4)

Para que um testamento tenha validade é necessário que ocorra a **morte** de testador (Hebreus 9:16). O Novo Testamento, portanto, começou com A MORTE e a conseqüente ressurreição de Cristo. Deste modo, Jesus de Nazaré e Seus discípulos viveram submetidos às ordenanças da Lei e o Senhor manifestado em carne tinha o cuidado de cumprir o que Moisés determinara. Um exemplo claro disto

pode ser observado na passagem onde Jesus liberta um leproso de sua doença:

*“Quando Jesus desceu do monte, grandes multidões o seguiam. E eis que veio um leproso e o adorava, dizendo: Senhor, se quiseres, podes tornar-me limpo. Jesus, pois, estendendo a mão, tocou-o, dizendo: Quero; sê limpo. No mesmo instante ficou purificado da sua lepra. Disse-lhe então Jesus: Olha, não contes isto a ninguém; mas vai, **mostra-te ao sacerdote, e apresenta a oferta que Moisés determinou, para lhes servir de testemunho.**” (Mateus 8:1-4)*

Havia uma determinação na Lei que ordenava que todo leproso que alcançasse a cura deveria se apresentar ao sacerdote para passar por um processo religioso de purificação. Encontramos o registro deste mandamento em **Levítico 14:1-32**. Assim, fica comprovado o zelo de Jesus com a observância da Lei. A mesma coisa ocorreu no caso do dízimo: o Senhor havia dito aos escribas e fariseus (que, claro, viviam também debaixo da Lei) que eles se preocupavam com os detalhes dos mandamentos, a ponto de darem o dízimo até de plantas sem tanta importância, mas negligenciavam os aspectos mais importantes das

ordenanças de Moisés. Então, Jesus conclui dizendo que os legalistas deviam praticar o que realmente importava da Lei, sem deixar de lado o Dízimo, já que este fazia parte dos mandamentos.

Se a Igreja hoje tem que dar o Dízimo porque Jesus mandou os escribas e fariseus darem, então também devemos cumprir **todas** as demais ordenanças da Lei. Sendo assim, pergunto: será que os líderes religiosos atuais ensinam os membros de suas congregações a se apresentarem na denominação para se purificarem em caso de uma eventual cura de hanseníase? Evidente que não!

Há algo a mais que é preciso ser observado com atenção sobre Mateus 23:23: note que Jesus se refere ao dízimo de MANTIMENTOS (hortelã, endro e cominho); Ele não faz menção a dinheiro.

3) JESUS DISSE QUE DEVEMOS DAR A DEUS O QUE É DE DEUS.

“Então os fariseus se retiraram e consultaram entre si como o apanhariam em alguma palavra; enviaram os seus discípulos, juntamente com os herodianos, a perguntar: Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de

*Deus segundo a verdade, e não se te dá de ninguém, porque não te deixas levar de respeitos humanos; dize-nos, pois, qual é o teu parecer; é lícito ou não pagar o tributo a César? Porém Jesus, tendo percebido a malícia deles, respondeu-lhes: Por que me experimentais, hipócritas? Mostrai-me uma moeda de tributo. Trouxeram-lhe um denário. Ele perguntou: De quem é esta efigie e inscrição? Responderam: De César. Então lhes disse Jesus: Dai, pois, a César o que é de César, e **a Deus o que é de Deus.**” (Mateus 22:15-21)*

Os defensores da observância do Dízimo na Nova Aliança dizem que esta passagem é uma prova de que os dízimos monetários devem ser pagos na Igreja, já que Jesus usou o dinheiro romano em Sua metáfora. Mas, isto não é verdade.

Como já vimos, Jesus estava debaixo da Lei e tinha o cuidado de cumpri-la. Sendo assim, se Ele estivesse se referindo ao Dízimo nesta passagem, estaria apenas sendo fiel àquela conjuntura. No entanto, não encontramos nenhum motivo no contexto bíblico para afirmar que o Nazareno estivesse falando de Dízimos nesta passagem, principalmente porque, como já vimos, o Dízimo bíblico nunca foi dinheiro.

Quando se referiu à imagem de César na moeda Jesus fez um paralelo entre o que pertencia ao imperador romano e o que pertence a Deus. Podemos ter uma noção do que Jesus quis dizer, se observarmos o seguinte: assim como a moeda tinha a imagem de César, **nós temos a imagem de Deus** — fomos feitos à Sua imagem e semelhança (Gênesis 1:26). Assim, é mais provável que Jesus estivesse fazendo uma alusão à vida dos que o ouviam, dizendo que eles deviam honrar a Deus em seu viver (por terem a Sua imagem), assim como deviam honrar a César com o dinheiro, já que este tinha a marca do cabeça de Roma.

4) TODOS OS JUDEUS ERAM AGROPECUARISTAS.

Este é mais um argumento que tenta validar o Dízimo em dinheiro na Igreja. Alguns afirmam que o Dízimo bíblico era dado em produtos agropecuários, porque todos os judeus trabalhavam com o plantio de hortaliças e com a criação de animais. Neste caso, os judeus usavam seus produtos como moeda para dizimar. Como hoje em dia as pessoas usam o dinheiro propriamente, o “dízimo cristão”, de forma análoga, deve ser pago por meio de moeda corrente.

Este entendimento está equivocado, porque nem todos os israelitas eram agropecuaristas; havia, obviamente, muitas outras profissões e é muito fácil comprovarmos isto nos textos bíblicos. Vejamos alguns exemplos:

PEDREIROS E CARPINTEIROS:

*“O qual o rei e Joiada davam aos que tinham o encargo da obra do serviço da casa do Senhor; e **contrataram pedreiros e carpinteiros**, para renovarem a casa do Senhor; como também ferreiros e serralheiros, para repararem a casa do Senhor.” (2º Crônicas 24:12)*

*“Não é este o filho do **carpinteiro**? E não se chama sua mãe Maria...?” (Mateus 13:55)*

PADEIROS:

*“Então ordenou o rei Zedequias que pusessem a Jeremias no átrio da guarda; e deram-lhe um pão cada dia, **da rua dos padeiros**, até que se acabou todo o pão da cidade; assim ficou Jeremias no átrio da guarda.” (Jeremias 37:21)*

ARTÍFICES:

*“Eis que eu tenho chamado por nome a Bezalel, o filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá, e o enchi do Espírito de Deus, de sabedoria, e de entendimento, e de ciência, em todo o labor, para **elaborar projetos, e trabalhar em ouro, em prata, e em cobre, e em lapidar pedras para engastar,** e em entalhes de madeira, para trabalhar em todo o labor.” (Êxodo 31:2-5)*

COZINHEIROS:

*“Então disse Samuel **ao cozinheiro:** Dá aqui a porção que te dei, de que te disse: Põe-na à parte contigo. Levantou, pois, o cozinheiro a espádua, com o que havia nela, e pô-la diante de Saul; e disse Samuel: Eis que o que foi reservado está diante de ti. Come; porque se guardou para ti para esta ocasião, dizendo eu: Tenho convidado o povo. Assim comeu Saul aquele dia com Samuel.” (1º Samuel 9:23-24)*

Não encontramos nenhuma direção nos textos bíblicos que, sequer, sugira que a troca de mantimentos por dinheiro era aceitável para o cumprimento do Dízimo. Como já

vimos, o mandamento era claro: dízimo devia ser pago com produtos agropecuários. Sendo assim, só podemos chegar a duas conclusões a respeito dos israelitas que não trabalhavam com o setor agropecuário: eles não eram obrigados a pagar o Dízimo ou eles compravam alimentos e animais para dizimar. Mas, é bom ressaltar que a Bíblia não faz **nenhuma referência** dos não agropecuaristas em relação ao Dízimo.

5) PAULO USA OS LEVITAS COMO MODELO DE SUSTENTO MINISTERIAL.

“Não sabeis vós que os que administram o que é sagrado comem do que é do templo? E que os que servem ao altar, participam do altar?” (1ª Coríntios 9:13)

No capítulo nove da primeira carta destinada aos coríntios o apóstolo Paulo argumenta a respeito do sustento que os pregadores do Evangelho devem receber da Igreja (sobre o sustento ministerial na Nova Aliança falaremos em outro capítulo). Durante seu argumento, como podemos observar no versículo que acabamos de ler, o apóstolo dos gentios cita o fato de os levitas se manterem à época do que era do templo, ou seja,

dos Dízimos recebidos, como regia o mandamento da Lei.

Dizer que Paulo está mandando os coríntios serem “dizimistas” neste versículo é forçar de maneira desonesta o texto, já que não há nada no contexto que leve a este entendimento. Afinal, que sentido teria o apóstolo que mais lutou contra o envolvimento da Igreja com as obras da Lei ordenar aos coríntios o cumprimento da mesma?

Não devemos nos esquecer que naquele período em que as cartas foram escritas a Lei ainda estava sendo cumprida de forma plena pelos israelitas (apesar de Jesus já ter posto fim a ela na cruz). O templo de Jerusalém, que viria a ser destruído alguns anos depois daquele período da confecção das cartas apostólicas, ainda estava de pé. Deste modo, o apóstolo fez um paralelo, usando como exemplo o que ainda ocorria em Jerusalém (a entrega dos Dízimos no templo), como referência para o sustento dos pregadores da Palavra.

O ponto de Paulo, no entanto, não era o meio (ou seja, o Dízimo), mas o fim — isto é, a necessidade que os ministros do Evangelho têm de receber sustento. Paulo, em outras palavras, estava dizendo: “Assim como os levitas são sustentados pelos Dízimos dos israelitas por se dedicarem integralmente ao tem-

plo deles, os pregadores do Evangelho também precisam ser amparados pela Igreja”. Paulo só não disse que o sustento oferecido aos ministros da Palavra deveria vir por meio do “dízimo cristão”, já que esta é uma doutrina falsa e, portanto, não fazia parte da gama de ensinamentos do apóstolo.

6) O ANTIGO PACTO SERVE COMO EXEMPLO PARA NÓS.

*“Porquanto, **tudo que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito**, para que, pela constância e pela consolação provenientes das Escrituras, tenhamos esperança.” (Romanos 15:4)*

Neste versículo Paulo deixa clara a importância das Escrituras (os textos do Antigo Pacto) para o ensino das igrejas naquela época. Isto, entretanto, não significava aplicar as obras da Lei na vida dos irmãos que compunham as congregações.

Paulo está dizendo que é possível retirar dos escritos da Antiga Aliança exemplos que podem ser aplicados à vida dos eleitos de Deus na Nova Aliança. Um bom emprego deste princípio pode ser visto no versículo a seguir:

“Ora, tudo isto lhes acontecia como exemplo, e foi escrito para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos.” (1ª Coríntios 10:11)

Quando diz “tudo isto” neste versículo Paulo se refere ao exemplo dos israelitas que foram idólatras, se prostituíram, tentaram o Senhor, murmuraram contra Ele e receberam do Eterno as conseqüências de seus atos. Assim, o apóstolo usa aquele caso para alertar os coríntios que não tivessem as mesmas atitudes dos hebreus no deserto, a fim de não receberem más implicações como colheita em suas vidas. Este é o genuíno uso do Antigo Testamento como exemplo para a Igreja; não é praticar o Dízimo ou qualquer outra obra da Lei.

Se temos que “dizimar” porque os textos da Velha Aliança são exemplos para a Igreja, então temos que praticar **todas as demais obras da Lei**, uma vez que este entendimento não pode, convenientemente, valer apenas para uma das ordenanças de Moisés.

7) “SOU PRÓSPERO PORQUE SOU DIZIMISTA”.

Este argumento favorável ao “dízimo cristão”, por incrível que pareça, vem dos próprios irmãos que são enganados e usurpados, e ainda defendem aqueles que as aprisionam na mentira. É uma espécie de *Síndrome de Estocolmo** religiosa.

Enquanto pertenci ao sistema religioso evangélico ouvi alguns irmãos darem “testemunhos” afirmando que os dízimos pagos à denominação eram responsáveis pela manifestação de bênçãos materiais em suas vidas. Acredito que estas pessoas não tinham a intenção de enganar os demais irmãos; elas mesmas estavam enganadas.

As pessoas que pertencem às igrejas cobradoras de dízimos são levadas a acreditar que o “dízimo cristão” traz prosperidade, devido ao mau uso do livro de Malaquias, como já vimos no início deste capítulo. Tais ensinamentos levam à conclusão que qualquer prosperidade material que surge na vida do “dizimista” vem do dízimo. Por causa da lavagem cerebral que recebem, tais pessoas “se esquecem” dos períodos em que não há manifestações materiais específicas em suas vidas, mesmo elas se mantendo fieis “dizimistas”. Muitas passam até por momentos de extrema dificuldade fi-

nanceira e mesmo assim continuam acreditando nos “poderes mágicos” do Dízimo.

Não podemos ir contra a Palavra de Deus. Se não há na Bíblia qualquer menção de prosperidade vinda para a Igreja por meio de dízimos monetários, não se pode afirmar que este “imposto cristão” criado por homens pode abençoar alguém.

**Síndrome de Estocolmo é o nome dado pela psicanálise ao estado psicológico em que uma pessoa que foi submetida a um longo período de sofrimento (sequestros, torturas, intimidações etc.) passa a ter simpatia, sentimento de amor ou amizade em relação aos seus agressores.*

— Capítulo 5 —

O CAPÍTULO 7 DA CARTA AOS HEBREUS

O uso do sétimo capítulo da carta Aos Hebreus como “prova” de que o Dízimo monetário é um mandamento para a Nova Aliança é tão absurdo que chega a ser difícil de acreditar que o líder religioso que o utiliza esteja agindo por pura ignorância e não sendo deliberadamente desonesto.

O primeiro ponto que precisa ser entendido é o motivo da existência da carta aos cristãos hebreus. O intuito da missiva foi, claramente, dissuadir os israelitas que haviam crido em Jesus como Messias a abandonarem a Lei como guia de suas vidas. E esta era uma tarefa muito difícil, uma vez que os hebreus já viviam há muitos séculos submetidos às ordenanças de Moisés e, portanto, os requisitos da Antiga Aliança faziam parte do cotidiano daquele povo.

Um dos capítulos que deixam mais evidente a intenção da carta é o oitavo, onde Jesus é apresentado como sacerdote superior aos sacerdotes da Lei. Este conceito é amplamente afirmado neste segmento da epístola:

“Ora, do que estamos dizendo, o ponto principal é este: Temos um sumo sacerdote tal, que se assentou nos céus à direita do trono da Majestade, ministro do santuário, e do verdadeiro tabernáculo, que o Senhor fundou, e não o homem. Porque todo sumo sacerdote é constituído para oferecer dons e sacrifícios; pelo que era necessário que esse sumo sacerdote também tivesse alguma coisa que oferecer. Ora, se ele estivesse na terra, nem seria sacerdote, havendo já os que oferecem dons segundo a lei, os quais servem àquilo que é figura e sombra das coisas celestiais, como Moisés foi divinamente avisado, quando estava para construir o tabernáculo; porque lhe foi dito: Olha, faze conforme o modelo que no monte se te mostrou. Mas agora alcançou ele [JESUS] ministério TANTO MAIS EXCELENTE, quanto é mediador de um melhor pacto, o qual está firmado sobre melhores promessas. Pois, se aquele primeiro [Pacto; a Lei] tivesse sido sem defeito, nunca se teria buscado lugar para o segundo [a Graça].” (Hebreus 8:1-7)

Fazer este paralelo apresentando a superioridade de Jesus era de vital importância para

que os hebreus se sentissem seguros para deixar as obras da Lei, a fim de que pudessem seguir sendo guiados apenas pelo Evangelho.

Assim como os capítulos oito, nove e dez da epístola buscam apresentar a superioridade do Ministério de Jesus Cristo sobre o ministério mosaico por meio de comparação, o **capítulo sete** demonstra a mesma intenção, evidenciando um paralelo entre o sacerdócio dos levitas (Lei) e o de Melquisedeque (de Cristo), onde a supremacia deste sacerdócio em relação ao ofício levítico é apresentada.

O texto diz que aquele personagem misterioso, conhecido também como rei de Salém, era “*sem pai, sem mãe, sem genealogia...*” (*Hebreus 7:3*). Isto era uma forma de dizer que aquele sacerdócio não vinha de uma linhagem humana (como o chamado dos levitas, que vinha de Arão); ou seja, o sacerdócio de Melquisedeque não tinha qualquer relação com homens e a Lei não estava ligada àquele chamado. Ele era, portanto, um sacerdote com uma unção específica e superior, vinda diretamente do Altíssimo, assim como Jesus. Por isso é dito no mesmo versículo que aquele sacerdote tinha sido feito “*semelhante ao Filho de Deus*”.

Fica claro, assim, que O ASSUNTO APRESENTADO NO CAPÍTULO SETE **NÃO É O**

DÍZIMO, MAS A COMPARAÇÃO DOS SACERDÓCIOS. Em outras palavras, o intuito deste terço da epístola não é ensinar a Igreja a “dizimar”; o Dízimo apenas é utilizado como um fio condutor para que o paralelo dos sacerdócios fosse estabelecido.

O DÍZIMO DE ABRAÃO: UM SÍMBOLO DE
SUBMISSÃO

“Considerai, pois, quão grande era este, a quem até o patriarca Abraão deu o dízimo dentre os melhores despojos. E os que dentre os filhos de Levi recebem o sacerdócio têm ordem, segundo a lei, de tomar os dízimos do povo, isto é, de seus irmãos, ainda que estes também tenham saído dos lombos de Abraão.” (Hebreus 7:4-5)

Neste trecho do **capítulo sete** que acabamos de ler, mais uma vez fica evidenciado o intuito da carta: deixar clara a superioridade do sacerdócio de Jesus sobre a Lei. Note que no verso 4 diz:

“Considerai, pois, QUÃO GRANDE ERA ESTE...”

Ou seja, está sendo dito à igreja dos hebreus o seguinte: “Vejam que o sacerdócio de Melquisedeque (que é o de Cristo) é tão grande que até nosso pai, Abraão, fora submisso a ele, dando-lhe o dízimo dos despojos”. Seguindo no verso 5, claramente é dito que o Dízimo, a partir do episódio de Abraão, era dado segundo a Lei:

*“E os que dentre os filhos de Levi recebem o sacerdócio têm ordem, **SEGUNDO A LEI**, de tomar os dízimos do povo...”*

Como vimos no 2º capítulo deste livro, uma vez que o Dízimo, praticado antes da Lei, passou a ser um mandamento da mesma, automaticamente se tornou uma prática descartada para os cristãos, assim como a circuncisão (Gálatas 5:2).

Abraão demonstrou submissão ao sacerdócio de Cristo ao entregar a Melquisedeque, UMA VEZ APENAS, o Dízimo de uns despojos e fora abençoado por sua atitude. Mais uma vez: o ponto que os hebreus tinham que considerar aqui não era o Dízimo (já que este era dado segundo a Lei), mas a submissão a Cristo.

Alguns argumentam que devemos imitar Abraão dando o dízimo monetário na Igreja como forma de também mostrarmos

submissão a Deus. Ora, é claro que este é um argumento que carece de lógica; primeiro, porque Abraão não deu dízimos monetários de seus bens pessoais. Em segundo lugar, se o Dízimo de Abraão é o modelo para a Igreja e é a única forma de nos apresentarmos submissos ao Eterno, bastava a todo cristão dar o Dízimo **apenas uma vez** como fez o patriarca dos hebreus.

O MENOR É ABENÇOADO PELO MAIOR

“Mas aquele, cuja genealogia não é contada entre eles, tomou dízimos de Abraão, e abençoou o que tinha as promessas. Ora, sem contradição alguma, o menor é abençoado pelo maior.” (Hebreus 7:6-7)

Nos versos 6 e 7 o raciocínio desenvolvido continua sendo apresentado. Melquisedeque, que tipificava Jesus, é apresentado como MAIOR do que Abraão. Está muito claro que este é o ponto: **apresentar Jesus como superior**, tanto a Abraão quanto a Moisés. Este raciocínio era fundamental para que o objetivo da epístola fosse alcançado.

Abraão foi abençoado pela atitude de reconhecer a superioridade do sacerdote enviado pelo próprio Deus. O único dízimo da-

do por ele foi apenas o meio, mas a importância estava na finalidade.

Alguns dizem que devemos dar o dízimo monetário para sermos abençoados, pois, assim como foi com Abraão, “os menores são abençoados pelo Maior”. O problema é que este pensamento anula o que Jesus fez por nós e já nos deu pela Graça, a saber: JÁ SOMOS **ABENÇOADOS** COM ABRAÃO:

*“De modo que os que são da fé **SÃO ABENÇOADOS** COM O CRENTE ABRAÃO.”*
(Gálatas 3:9).

Abraão foi abençoado por Cristo através de Melquisedeque e nós já herdamos esta bênção por meio do sacrifício do Senhor no Calvário e não por dízimos monetários.

Dizer que temos que fazer algo (“dizimar”, no caso) para recebermos a bênção que Abraão recebeu de uma vez por todas — e que já nos foi repassada, como vimos no versículo que acabamos de ler — equivale a dizer que temos que “pagar o preço” para sermos salvos, por exemplo. É uma verdadeira afronta à Graça de Deus em nossas vidas.

ENTENDENDO O “AQUI” E O “ALI”

“E AQUI certamente tomam dízimos homens que morrem; ALI, porém, aquele de quem se testifica que vive.” (Hebreus 7:8)

O entendimento aplicado pela maioria dos líderes religiosos a este versículo só pode valer quando o mesmo é retirado de seu respectivo contexto. Aliás, qualquer raciocínio que tenha o intuito de enganar pode ser aplicado a qualquer texto que está fora de seu todo. E no caso de *Hebreus 7:8* são dois contextos que precisam ser levados em conta: o bíblico e o histórico.

Historicamente, sabemos que na ocasião em que a epístola Aos Hebreus fora escrita o Templo de Jerusalém ainda não havia sido destruído e, por isso, os dízimos ainda eram entregues normalmente pelos israelitas, assim como todas as demais oferendas ordenadas pela Lei. A respeito do texto, o contexto de todo o capítulo se refere a Melquisedeque e a Abraão.

Isolando o versículo, os líderes religiosos o interpretam das seguintes formas:

- *“E AQUI (na Igreja) certamente tomam dízimos homens que morrem (pastores, bispos, missionários, padres etc.); ALI (no céu), porém, aquele*

(Jesus) *de quem se testifica que vive.*”
(Hebreus 7:8)

- “*E AQUI* (na Lei – este ponto está correto) *certamente tomam dízimos homens que morrem*; *ALI* (na Graça), *porém, aquele* (Jesus) *de quem se testifica que vive.*” (Hebreus 7:8)

Por meio deste versículo os enganadores querem que o povo entenda que eles recebem os dízimos monetários na Igreja e que Jesus também recebe os tributos no Paraíso. Porém, no contexto, o “ali” não é a Igreja ou a Graça. O versículo interpretado **DENTRO DO CONTEXTO** está dizendo outra coisa:

- “*E AQUI* (naquele tempo em que a carta estava sendo escrita) *certamente tomam dízimos homens que morrem* (os levitas no Templo da Lei – que ainda estava de pé); *ALI* (nos tempos de Abraão), *porém, aquele* (Melquisedeque) *de quem se testifica que vive.*” (Hebreus 7:8)

Quando contextualizamos o versículo fica fácil enxergar que ele não se refere aos tempos atuais, ao falso “dízimo cristão” e a

Jesus propriamente (como a primeira interpretação erroneamente tenta afirmar), já que é MELQUISEDEQUE o centro do raciocínio no contexto.

Alguém pode argumentar que “aquele de quem se testifica **que vive**” não poderia ser o rei de Salém, pois este já não estava mais vivo quando a carta fora escrita. É verdade. No entanto, veja o que a Palavra fala a respeito deste personagem:

“Sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias NEM FIM DE VIDA...”
(Hebreus 7:3)

Isto significa que não havia qualquer registro histórico da morte de Melquisedeque. Sendo assim, é como se ele nunca tivesse morrido. Por isso o texto diz que aquele homem que recebeu o Dízimo de Abraão, figurativamente, ainda vivia.

CRISTO: O FIM DO CICLO LEVÍTICO

“E, por assim dizer, por meio de Abraão, até Levi, que recebe dízimos, pagou dízimos. Porque ainda ele estava nos lombos de seu pai quando Melquisedeque lhe saiu ao encontro.” (Hebreus 7:9-10)

A partir dos versos 9 e 10 o texto inicia o entendimento de que o sacerdócio levítico estava definitivamente encerrado. Quando diz que Levi pagou o dízimo por meio de Abraão o texto está se referindo a um ciclo que havia se fechado: Abraão entregou o dízimo a Melquisedeque, os levitas recebiam os dízimos do povo segundo a Lei e Levi (o pai dos levitas) que não havia pago o Dízimo, na verdade o pagou também por meio de Abraão. É como se o texto estivesse dizendo: “Assunto encerrado”.

Com o ciclo do Antigo Pacto (consequentemente do Dízimo) finalizado, os versículos posteriores se referem ao fim do sacerdócio levítico (da Lei) e o início do sacerdócio eterno de Cristo (Graça).

A MUDANÇA DE SACERDÓCIO

*“De sorte que, se a perfeição fosse pelo sacerdócio levítico (pois sob este o povo recebeu a lei), que necessidade havia ainda de que outro sacerdote se levantasse, segundo a ordem de Melquisedeque, e que não fosse contado segundo a ordem de Arão? Pois, **mudando-se o sacerdócio, necessariamente se faz também mudança da lei.**” (Hebreus 7:11-12)*

A Lei do pecado e da morte fora substituída pela Lei do Espírito da vida (Romanos 8:2). Jesus encerrou o sacerdócio levítico, pondo fim aos mandamentos de Moisés (Romanos 10:4), conseqüentemente encerrando o Dízimo e inaugurando uma Nova e Superior Aliança, tornando ultrapassada a Primeira:

“Dizendo: ‘Novo pacto’, Ele tornou antiquado o primeiro...” (Hebreus 8:13)

A partir de Cristo o sacerdócio da Lei se tornou totalmente inútil:

“Porque dele assim se testifica: ‘Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque’. Pois, com efeito, o mandamento anterior [isto é, a Lei] é abrogado [encerrado] por causa da sua fraqueza e INUTILIDADE.” (Hebreus 7:17-18)

Alguns argumentam que sendo eterno o sacerdócio de Melquisedeque e tendo ele recebido o tributo de Abraão, a prática de “dizimar” deve ser mantida. Acredito que com tudo que já vimos até aqui fica claro que este entendimento é bastante desonesto. De qualquer forma, deixo aqui mais uma explicação: o relato do ÚNICO DÍZIMO que Abraão deu não implica, necessariamente, na conti-

nuidade da prática, ainda mais no modelo antibíblico usado pelas igrejas. Aquele único ato de submissão de Abraão para com Melquisedeque foi suficiente para que o patriarca dos hebreus fosse abençoado. E nós, que somos da fé, fomos **gratuitamente** abençoados com ele por meio de Cristo (Gálatas 3:9).

— Capítulo 6 —

O SUSTENTO MINISTERIAL À LUZ DO EVANGELHO

Sempre que alguém ouve pela primeira vez a verdade sobre o Dízimo, logo vem à sua mente as seguintes questões: “Se não existe dízimo, como uma congregação vai se manter? Como um ministério poderá investir na divulgação da Palavra e avançar sem dinheiro? Como os pregadores que se dedicam em tempo integral se manterão sem que haja um recolhimento financeiro obrigatório?”.

É compreensível que estes questionamentos surjam e é por isso que se faz necessário entender como o aspecto financeiro da Igreja deve ser tratado.



A base do entendimento acerca das contribuições na Graça é a VOLUNTARIEDADE. Uma vez que **não existe** qualquer menção nos textos bíblicos da Nova Aliança (pós-ressurreição de Cristo) que aponte as contri-

buições financeiras como sendo obrigatórias, não há outro caminho a seguir que não seja ensinar a Igreja a contribuir por intermédio de um coração voluntário.

O apóstolo Paulo ensina a forma correta de contribuição neste Novo Pacto:

“Cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza, nem por constrangimento; porque Deus ama ao que dá com alegria.” (2ª Coríntios 9:7)

Neste versículo (a respeito de seu contexto falaremos adiante) está o conceito genuíno das contribuições na Graça e as diretrizes para que os que amam o Evangelho e, por conseguinte, querem fomentar o Seu avanço contribuam de acordo com a direção de Deus:

- **Segundo propôs no seu coração.**

Dizer que as pessoas devem contribuir de acordo com a intenção de seus corações é afirmar que não existe uma porcentagem ou valores estabelecidos para as contribuições. Somente isto já anula a prática do “dízimo cristão”, já que este estabelece uma alíquota obrigatória de dez por cento dos ganhos dos membros das igrejas.

Alguns argumentam que existem dois tipos de contribuições na Igreja: a obrigatória (o dízimo) e as voluntárias e que, no caso desta passagem bíblica, o apóstolo estaria se referindo apenas ao segundo tipo.

Sabemos que tal pensamento é enganoso, visto que não existe Dízimo para a Igreja (como vimos nos capítulos anteriores deste livro). Consequentemente, Paulo (ou qualquer outro apóstolo) jamais mencionou a existência de “dois tipos de contribuições”.

- **Não com tristeza.**

É factível que muitos dão com tristeza, já que o fazem por obrigação.

- **Não por constrangimento.**

Este ponto é importante: absolutamente TODOS os “dizimistas” fazem suas contribuições por constrangimento. Podem até negar, mas o próprio conceito do Dízimo não deixa dúvidas.

O constrangimento infligido está:

a) No medo que os líderes religiosos impõem aos eleitos.

b) Nas conseqüências e ameaçadas conferidas aos “dízimistas” inadimplentes.

c) No fato de as pessoas que pagam o “dízimo cristão” serem levadas a crer que estão contribuindo corretamente “em Graça”.

- **Dar com alegria.**

Aqueles que não contribuem seguindo um mandamento criado por homens, o fazem com liberdade e liberalidade. Estes certamente dão **COM ALEGRIA**. E esta satisfação agrada verdadeiramente a Deus, pois a contribuição é feita sem a chancela da Lei, mas de acordo com o espírito da Aliança perfeita que o Eterno estabeleceu por meio de Jesus Cristo.

É CORRETO VIVER DO EVANGELHO?

*“Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o Evangelho, **QUE VIVAM DO EVANGELHO.**” (1ª Coríntios 9:14)*

Como o versículo que acabamos de ler assegura, viver do Evangelho é uma **ordem do Senhor**. Isto, porém, não significa enriquecer à custa das pessoas, como alguns líderes religiosos que criaram verdadeiros impérios pessoais arrancando o “dízimo” dos elei-

tos e usando ainda outras artimanhas para arrecadar.

A ordem de Deus para que os ministros da Palavra fossem sustentados pelas igrejas se deu em função da necessidade de atenção que o Ministério exige: dedicação ao ensino, o cuidado com as congregações, as viagens etc. Mas, o que os ministros da igreja primitiva recebiam eram os recursos necessários para sobreviverem e, assim, se dedicarem ao avanço do Evangelho.

OS ARGUMENTOS DE PAULO A FAVOR DO SUSTENTO AOS PREGADORES

Paulo não era considerado como apóstolo por alguns em Corinto e, muito provavelmente, era acusado pelos mesmos opositores de pregar apenas por dinheiro (pelo teor de sua autodefesa é possível concluirmos isto):

“Não sou eu livre? Não sou apóstolo? Não vi eu a Jesus nosso Senhor? Não sois vós obra minha no Senhor? Se eu não sou apóstolo para os outros, ao menos para vós o sou; porque vós sois o selo do meu apostolado no Senhor. Esta é a minha defesa para com os que me acusam.” (1ª Coríntios 9:1-3)

Em função deste cenário de acusação e desconfiança, Paulo optou por não receber sustento dos coríntios, a fim de que não houvesse qualquer prejuízo ao avanço da Palavra em função das calúnias que pesavam sobre o apóstolo:

“Se outros participam deste direito sobre vós [outros pregadores recebiam dos coríntios], por que não nós com mais justiça? [Paulo argumenta que ele tinha até mais direito do que os outros de receber sustento] Mas nós nunca usamos deste direito; antes suportamos tudo, para não pormos impedimento algum ao Evangelho de Cristo.” (1ª Coríntios 9:12)

Acredito que esta atitude era uma forma de calar seus acusadores. Não obstante, o apóstolo dos gentios recebia sustento de outras igrejas:

*“Pequei porventura, humilhando-me a mim mesmo, para que vós fôsseis exaltados, porque de graça vos anunciei o evangelho de Deus? **OUTRAS IGREJAS DESPOJEI, RECEBENDO DELAS SALÁRIO,** para vos servir; e quando estava presente convosco, e*

tinha necessidade, a ninguém fui pesado; porque os irmãos, quando vieram da Macedônia, supriram a minha necessidade; e em tudo me guardei, e ainda me guardarei, de vos ser pesado.” (2ª Coríntios 11:7-9)

A posição pessoal do apóstolo em relação aos coríntios não o impediu de argumentar a favor do sustento devido aos ministros do Evangelho:

“Não temos nós direito de comer e de beber? Não temos nós direito de levar conosco esposa crente, como também os demais apóstolos, e os irmãos do Senhor, e Pedro? Ou será que só eu e Barnabé não temos direito de deixar de trabalhar? Quem vai à guerra à sua própria custa? Quem planta uma vinha e não come do seu fruto? Ou quem apascenta um rebanho e não se alimenta do leite do rebanho? Porventura digo eu isto como homem? Ou não diz a lei também o mesmo? Pois na lei de Moisés está escrito: ‘Não atarás a boca do boi quando debulha. Porventura está Deus cuidando dos bois? Ou não o diz certamente por nós? Com efeito, é por amor de nós que está escrito; porque o que lavra

deve debulhar com esperança de participar do fruto. Se nós semeamos para vós as coisas espirituais, SERÁ MUITO QUE DE VÓS COLHAMOS AS MATERIAIS?” (1ª Coríntios 9:4-11)

O CUIDADO DE PAULO COM OS QUE SE
DEDICAVAM AO ENSINO

“E o que é instruído na Palavra reparta de todos os seus bens com aquele que o instrui.” (Gálatas 6:6, versão Corrigida e Revisada Fiel)

Aqui o apóstolo recomendou que os gálatas valorizassem o ensino da Palavra através da GENEROSIDADE para com aqueles se prestavam a instruí-los no conhecimento do Evangelho.

“Os presbíteros que lideram bem a igreja SÃO DIGNOS DE DUPLA HONRA, ESPECIALMENTE AQUELES CUJO TRABALHO É A PREGAÇÃO E O ENSINO, pois a Escritura diz: Não amordace o boi enquanto está debulhando o cereal, e o trabalhador merece o seu salário.” (1ª Timóteo 5:17-18, Nova Versão Internacional)

Aqui é possível que houvesse um valor de remuneração estabelecido para os guias da igreja. E, neste caso, os que se dedicavam especialmente à pregação e ao ensino deveriam receber em dobro.

VIVER DO EVANGELHO: DIREITO OU OBRIGAÇÃO?

Apesar de Paulo estabelecer que viver do Evangelho seja uma ordem do Senhor (1^a Coríntios 9:14), no decorrer de seu argumento o apóstolo trata este assunto como um DIREITO, não uma obrigação. Sendo assim, podemos entender que uma pessoa que se dedica ao Ministério pode ou não viver de seu ofício ministerial.

Entendo que se uma congregação tem condições financeira de manter seus ministros de maneira digna, eles têm o direito de viver integralmente do Evangelho. Porém, se um ministro desejar (por qualquer que seja o motivo), ele tem o direito de optar em viver parcialmente do sustento dado pela igreja — como o próprio Paulo que recebia salários eclesiásticos, mas também trabalhava quando necessário (Atos 18:3; Atos 20:33-34; 1^a Tessalonicenses 2:9; 2^a Tessalonicenses 3:7-8) — ou mesmo viver apenas de seu trabalho par-

ticalar, caso este não interfira em seu desempenho ministerial.

AS FINALIDADES DAS CONTRIBUIÇÕES

Como vimos no início deste capítulo, escrevendo a segunda carta aos coríntios Paulo estabeleceu o conceito da genuína visão de como se deve contribuir na Igreja (2ª Coríntios 9:7).

No contexto desta passagem (2ª Coríntios 8:1-24 e 9:1-15) as contribuições visavam socorrer irmãos que se reuniam na Judeia e que passavam por extrema necessidade:

“Mas agora vou a Jerusalém para ministrar aos santos. Porque pareceu bem à macedônia e à Acaia fazerem uma coleta para os pobres dentre os santos que estão em Jerusalém.” (Romanos 15:25-26)

Assim, o apóstolo buscava incentivar os coríntios, que passavam por um período de abundância (2ª Coríntios 8:14), a participarem da coleta aos santos.

O nobre propósito desta arrecadação, no entanto, foi um episódio isolado que visava suprir os santos em um período difícil de suas vidas. As finalidades mais corriqueiras das contribuições voluntárias visavam o su-

porte às necessidades da obra evangelística, tais como: o sustento pessoal dos ministros do Evangelho (como já vimos neste capítulo), gastos com as viagens apostólicas, os custos para a confecção das epístolas (preparar uma carta naquela época não era tão simples quanto escrever e enviar um e-mail hoje em dia; os rolos de papiro usados para a feitura das missivas eram bastante custosos), entre outros.

O CONCEITO DA SEMENTEIRA

Seja qual for o propósito, contribuir financeiramente de forma voluntária com as causas do Reino de Deus traz boas consequências aos cooperadores.

Além do conceito de como devemos contribuir em Graça, Paulo apresenta a ideia de que as contribuições são SEMENTES e que, uma vez plantadas, elas trarão as colheitas correspondentes aos que se dedicam ao plantio:

“E digo isto: aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia em abundância, EM ABUNDÂNCIA CEIFARÁ.” (2^a Coríntios 9:6)

É óbvio que a ideia de colher não é a de enriquecer financeiramente, como se o

Reino de Deus fosse uma “bolsa de valores” infalível. A promessa é de amplo suprimento de todas as necessidades dos semeadores:

“E Deus é poderoso para fazer abundar em vós toda a graça, a fim de que tendo sempre, em tudo, TODA A SUFICIÊNCIA, abundeis em toda a boa obra; (...) Ora, aquele que dá a semente ao que semeia, também vos dê pão para comer, e multiplique a vossa sementeira, e aumente os frutos da vossa justiça.” (2ª Coríntios 9:8 e 10)

Após receber de Epafrodito o dinheiro que os Filipenses enviaram como donativo, Paulo lhes enviou como resposta a promessa de Deus de ampla suficiência de suas necessidades:

“Também vós sabeis, ó filipenses, que, no princípio do evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja comunicou comigo no sentido de dar e de receber, senão vós somente; porque estando eu ainda em Tessalônica, não uma só vez, mas duas, mandastes suprir-me as necessidades. Não que procure dádivas [Paulo deixa claro que não tinha ganância no

dinheiro dos Filipenses], *mas procuro o fruto que cresça para a vossa conta* [cada semeador tem uma “conta” diante de Deus]. *Mas tenho tudo; tenho-o até em abundância; cheio estou, depois que recebi de Epafrodito o que da vossa parte me foi enviado, como cheiro suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus. O meu Deus SUPRIRÁ TODAS AS VOSSAS NECESSIDADES segundo as suas riquezas na glória em Cristo Jesus.”* (Filipenses 4:15-19)

Os filipenses eram generosos com Paulo e, por isso, era justo que recebessem do apóstolo estas promessas maravilhosas destinadas àqueles que semeiam.

É interessante salientar que Paulo nomeia as contribuições como algo de “...*cheiro suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus.*” (Filipenses 4:18). Aqui o apóstolo faz uma clara alusão aos sacrifícios oferecidos na Lei que eram malcheirosos (por se tratarem de animais mortos sendo queimados) e não eram aceitos por Deus (Hebreus 10:8). Quando contribuímos com o Reino, voluntariamente e com alegria, estamos oferecendo um “sacrifício” que Deus aceita.

A METÁFORA DO CLUBE

Quero, amado(a) leitor(a), lhe propor uma imagem simbólica, a fim de facilitar o entendimento de como podemos ter consciência para contribuir financeiramente sem sermos obrigados por um mandamento.

Imaginemos um clube onde todos são convidados a se associarem para usufruir **gratuitamente** de suas instalações e comer à vontade de todas as comidas oferecidas. É óbvio que este clube, para funcionar, necessita de dinheiro para comprar as comidas, produtos de limpeza, aparatos para a manutenção de suas piscinas, das quadras esportivas, funcionários etc.

Não há dúvidas de que, sendo um clube que não cobra pelo usufruto oferecido, ele precisa que as pessoas que o frequentam se prontifiquem a mantê-lo voluntariamente; caso contrário, o espaço vai ter que encerrar suas atividades.

Quem ama e deseja continuar frequentando o clube (e quer o seu crescimento para que outras pessoas possam também ter o privilégio de frequentá-lo e se alimentarem de sua maravilhosa comida) vai contribuir com o melhor que pode. Para isto, não é necessária a criação de uma lei com sanções, ameaças, me-

do etc. Basta que seus associados sejam conscientes da importância do clube para as suas vidas e para a vida dos demais frequentadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certa vez, um “bispo”, muito desesperado com o fato de nossos ensinos acerca do “dízimo cristão” estarem chegando até os membros de sua denominação, resolveu me atacar na Internet, acusando-me, entre outras coisas, de ensinar a Igreja a ser avarenta. Se esta fosse a nossa intenção, realmente estaríamos inculcando em um erro terrível, uma vez que a avareza é idolatria e, portanto, obra da carne:

“Exterminai, pois, as vossas inclinações carnis; a prostituição, a impureza, a paixão, a vil concupiscência, e A AVAREZA, QUE É IDOLATRIA.” (Colossenses 3:5)

É claro que o nosso intuito NÃO É “ativar” a carne das pessoas e criar servos de Deus avarentos e apegados a coisas materiais. Ao contrário. Nosso intuito é ensinar os amados a contribuírem, mas de maneira correta, à luz do genuíno Evangelho de Cristo, com boa consciência e perfeito amor.

Se alguém usa a VERDADE DO EVANGELHO como desculpa para não ser útil ao Reino de Deus, a culpa disto não é de quem a

divulga, muito menos da própria verdade; mas, é uma inclinação carnal inerente à pessoa que antes só dava o “Dízimo” por medo ou por qualquer outro tipo de conveniência.

Além disso, meu intuito ao escrever este livro é de levar a definitiva libertação àquelas que acreditam estar vivendo plenamente o Novo Pacto, mas ainda estão encarcerados na obra da Lei por causa dos ensinamentos dos falsos mestres que dizem pregar o Evangelho da Graça de Deus.



A Palavra do Senhor nos ensina a fazer TODAS AS COISAS DE CORAÇÃO, para agradar a Deus e não aos homens:

*“E tudo quanto fizerdes, **FAZEI-O DE CORAÇÃO**, como ao Senhor, e não aos homens, (...) se estivesse ainda agradando aos homens, não seria servo de Cristo.”*
(Colossenses 3:23; Gálatas 1:10)

Sendo assim, a única forma de contribuímos financeiramente, atendendo a este chamado, é por meio de um coração voluntário.



Amado(a) leitor(a), nunca se esqueça de que Cristo destruiu todo o escrito de dívidas que era contrário ao povo de Deus. Portanto, valorize a Sua Graça e jamais se deixe voltar novamente ao jugo de escravidão.

*“E havendo RISCADO O ESCRITO DE DÍVIDA que havia contra nós nas suas ordenanças, o qual nos era contrário, REMOVEDO DO MEIO DE NÓS, cravando-o na cruz.”
(Colossenses 2:14)*

*“Para a liberdade Cristo nos libertou; permanecei, pois, firmes e NÃO VOS DOBREIS NOVAMENTE A UM JUGO DE ESCRAVIDÃO.”
(Gálatas 5:1)*

BÔNUS

Poesias em Graça

CRISTO É A NOSSA ETERNIDADE

Por *Juliana M. Dutra*

Cristo nos uniu
Num único Corpo de perfeito amor.
Deu-nos paz, luz, confiança e Fé;
No poder da confissão, nEle mesmo nos
descansou.

Faz-nos olhar para as dificuldades
E vê-las tão pequeninas em seus arredores.
Cristo não só nos faz vencê-las,
Mas em tudo nos tornou mais do que
vencedores!

Nossos olhos enxergam as maravilhas de Deus,
Pela revelação contemplamos a Sua imensidão.
Deu-nos, também, o Evangelho de sabedoria
Para fazermos Sua Obra por amor, não pela
Salvação.

Porque a Salvação eterna já nos foi imputada
E, por gratidão, hoje fazemos a boa ação.
Afinal, Cristo é o nosso *aion*,
Pois a eternidade está em Suas mãos.

Para alguns a Salvação se perde,

Enquanto outros dizem que sequer a ganhamos.
Mas a Graça é o pleno descanso que nos faz crer
Que com Cristo, no Paraíso, já estamos.

Louvado seja Jesus, nosso Deus!
Ele é a raiz do nosso eterno descanso.
Não precisamos fazer nada para ganharmos a
eternidade,
Mas fazemos a Obra porque O amamos.

CONSELHOS EM GRAÇA

Por *Juliana M. Dutra*

Não desista! Persista, persista!
Você é mais que vencedor.
Não te desanime, confie, confie.
A alegria já te alcançou.

Não blasfeme, mas tema,
Pois sua boca tem poder.
Não semeie, retenha, retenha,
Se for uma semente má que possa vir a crescer.

Não te iludas, busque, busque
A Verdade compreender.
Não fraqueje, fortifica-te, fortifica-te!
Pois o Evangelho é que te faz amadurecer.

Não julgue, ajude, ajude
Aquele que esteja a precisar.
Não lacrimeje, sorria, sorria!
O bem esteja a confessar.

Não faça nada do que possa vir a se
envergonhar,
Antes de tudo, sobre sua fé, todas as coisas
venhas tu pesar.
Se a balança sobre um lado despencar,

Saiba que o excesso é demais e não pode ser bom efetuar.

CORAÇÕES AGRADECIDOS

Por *Juliana M. Dutra*

Ó Deus, querido Pai, por nós Amado!
Graças damos a Ti por tudo que fizeste;
Dos princípios da Tua Palavra que ao Teu povo
revelaste
Ao ômega da Salvação que pela Fé já temos por
Sua fidelidade.

Nesta terra que nos deu a caminhar pelo poder
da vida
Muitos fardos aprendemos a carregar.
E de todas as experiências adquiridas
Agradecemos a Ti, pois em todas as coisas
pudemos triunfar.

Mesmo se em nossa vida a dor se erguer,
Tuas mãos as nossas lágrimas hão de secar.
Porque amor verdadeiro em Ti encontramos;
Afinal, Tu, Ó Pai, és o verbo Amar.

Agradecemos ao Senhor por todas as coisas,
Principalmente pelo entendimento;
Pela Graça, por Tua misericórdia a nós liberada,
Por Tua Palavra que nos supre por dentro.

Com Teus desígnios que nos guiam em nosso
interior,

Evoluímos para crescer.
Pela sabedoria de em Ti esperar, pela fé, pelo
descanso
E pelas palavras que confessamos com grande
poder.

Querido Pai e Eterno Deus!
Agradecemos, pois temos um coração de
adorador
Que por meio da compreensão da Tua Palavra
Em nossa vida o Senhor imputou.

UMA PODEROSA FERRAMENTA

Por *Juliana M. Dutra*

Fomos feitos à semelhança de Deus;
Filhos prontos a adorar.
Possuímos dois olhos, duas narinas e duas
orelhas,
Mas apenas uma boca para sementes plantar.

A Bíblia diz que a língua é uma poderosa
ferramenta,
Que bem utilizada pode nutrir.
Ela eleva novas petições a Deus
E com o Seu “Sim” tudo há de se cumprir!

A boca fala do que está cheio o coração,
Jesus disse que o que contamina é o que dela sai;
Ela pode vivificar ou mortificar,
Cada um bem a use para manifestar a paz.

A língua é uma despenseira de sementes
E os anos de experiências podem comprovar
Que tudo que se almeja na vida
Para dar certo é preciso se calar.

Se calar, é claro, na presença das pessoas,
Mas fazer nossos pedidos serem conhecidos por
Deus.

Ativando a nossa fé e fazendo a nossa parte,
Alcançamos aquilo que o “Sim” dEle já nos deu.

E ao compreender o poder da língua,
Pensemos bem antes de falar,
Porque, como uma faca de dois gumes,
A língua pode ferir ou curar.

MUDANÇAS SÃO NECESSÁRIAS

Por *Juliana M. Dutra*

Mudanças são necessárias às vezes,
Nós não as devemos temer!
De vez em quando necessitamos mudar de lugar,
Para também modificar a nossa forma de viver.

Às vezes nos dedicamos anos a fio,
Doando nosso tempo, aplicando-nos à perfeição.
E alcançados por um vento desabalado,
Somos levados a outra direção.

Às vezes precisamos mudar um móvel de lugar,
Para obter mais espaço;
Às vezes são nessas mudanças
Que percebermos quem se importa com nossos
atos.

Mas as mudanças são realmente necessárias,
Pois a rotina implica na paralisação do ser.
Às vezes são males que vêm para o bem,
Ou são apenas para nos tirar do estado inerte e
nos fazer crescer.

Não digo que a princípio não doam
Ou que o medo não venha a aparecer,
Mas, com Deus no controle de todas as coisas,

As mudanças são melhorias para o nosso viver.

GOSTOU DO LIVRO?

Considere fazer uma **DOAÇÃO**, uma contribuição voluntária e de amor, para apoiar e incentivar a continuidade do nosso trabalho. Para isto, acesse nosso *site* na Internet ou entre em contato conosco por e-mail.

Entre em contato conosco

www.evangelhoeterno.com.br
www.abencoados.com

E-mail: **contato@abencoados.com**



youtube.com/tvmigg



instagram.com/cfeito

CRISTIANO FRANÇA

“Eu me chamo *Cristiano Francisco da Silva*; **Cristiano França** é o meu “nome social” ou pseudônimo. Nasci na Capital do Rio de Janeiro, no bairro de Campo Grande, em 21 de setembro de 1977.

Sou um pensador, um homem estudioso, um ser humano pacífico e um otimista irremediável — apesar de todo o mal que vemos no mundo, acredito na existência do bem e, portanto, em um futuro melhor. Sou bem casado com a abençoada Juliana Dutra (amo minha família e minha esposa) e amo o Ministério que exerço no Reino de Deus.

Sou pregador desde os meus quinze anos de idade (quando ainda pertencia à Igreja Batista Jardim 7 de Abril, em Paciência/RJ) e Ministro do Evangelho da Graça desde o ano de 1999. Sou escritor, Bacharel em Teologia, professor, músico (cantor, compositor e guitarrista), formado em Processamento de Da-

dos e Tecnologia da Informação, fundador do *Ministério Internacional Graça sobre Graça* e “mestre-cuca” em minhas horas vagas (amo cozinhar!). Acima de tudo, porém, sou um filho e servo do Deus Vivo, a saber, o Senhor Jesus Cristo Ressuscitado.

